

TAYLOR ADAMS

ÚLTIMAS PALAVRAS

DE ONDE UM AUTOR BUSCA
INSPIRAÇÃO PARA SUAS
HISTÓRIAS SOMBRIAS?



TAYLOR ADAMS

ÚLTIMAS PALAVRAS

Tradução: Carolina Itimura Camargo



Prólogo

FIM.

Emma Carpenter larga seu livro digital. Como quem emerge de um mergulho profundo com os pulmões ardendo, nunca havia se sentido tão grata em ler aquela palavra em sua tela branca.

— Graças a Deus. — Esfrega os olhos.

Havia baixado este *e-book* bizarro por noventa e nove centavos, por recomendação do vizinho. O design da capa era preto e simples, com um título branco em fonte *Comic Sans*: **Montanha da Morte**. Sinistro, mas de um jeito tosco. Custando menos que uma barra de chocolate, o que poderia dar errado?

Após a compra, notou o subtítulo: *O livro mais assustador que você vai ler*.

Oh-oh.

A frase aclamatória estava entre aspas, para parecer uma citação de uma crítica ou de alguém notável, mas não havia uma fonte atribuída. Era um enaltecimento pessoal do autor.

Oh-oh.

Emma persistiu e continuou a ler mesmo assim, o livro narrava duas estudantes universitárias fazendo mochilão sozinhas nos montes Apalaches. Uma é estudante de Psicologia e a outra, de Direito, se preparando para o exame da ordem. São mais enfeites do que pessoas: vaidosas, estridentes, burras e possivelmente as lésbicas menos convincentes já escritas. Diz muito o fato de o assassino em série ser o personagem mais autêntico no livro todo.

Além das queixas habituais de Emma à fórmula presos-em-um-lugar-remoto-com-uma-pessoa-assustadora. *Por que nunca tem sinal de celular? Por que ninguém nunca tem uma arma? Pelo amor de deus, por que eles sempre se separam?* A única coisa

que a fez continuar a ler essa marcha fúnebre de cem mil palavras foi uma escolha artística interessante: desde a primeira página, a história é totalmente narrada na primeira pessoa, do ponto de vista do vilão. As duas mulheres — as personagens com as quais o leitor deveria empatizar — são descritas apenas pelos olhos do assassino.

Escrito no *pretérito*.

De novo: Oh-oh.

Não é surpresa, então, que após horas de uma perseguição tediosa, o narrador/assassino pega a futura psicóloga sozinha em uma barraca e começa a estrangulá-la. A futura advogada intervém para salvá-la, mas — em vez de pegar o rifle com visão noturna do assassino, deixado de lado por negligência — escolhe lutar com ele no corpo a corpo como uma cabeça oca. Ela logo é estripada, e a futura psicóloga é promovida ao cargo de *última garota*. Esta também perde a deixa e não pega a maldita da arma, e, em vez disso, foge aos gritos pela floresta, topando com uma cabana abandonada a pouquíssima distância, mas que não havia sido mencionada até agora. É claro que a caminhonete ali estacionada não dá partida. É claro que ela se encurrala no único cômodo sem saída. É claro que ele dirige de volta para casa com a cabeça dela em uma bolsa.

Fim.

Graças a deus teve fim, pelo menos.

A Amazon tem a audácia de pedir que ela avalie o livro. De um total de cinco estrelas? Uma. Antes, confere se zero não é uma opção. Em seguida, digita uma breve avaliação — provavelmente mais bem escrita do que o próprio livro —, mas antes de clicar em “enviar”, ela hesita.

Por quê?

Não tem certeza. Seu dedo permanece suspenso em uma pausa delicada. Imagina seu próprio “eu” do futuro desesperadamente alertando-a contra algo terrível no horizonte; de que está prestes a assinar sua própria sentença de morte e que esta é a sua última chance de mudar seu destino. O *e-book* ainda não possui avaliações, de forma que a sua avaliação de uma estrela será a primeira e única. Será que o autor a lerá pessoalmente?

Algo bate contra a janela atrás de si. Um som estranho e encorpado, nauseante pelo peso. Seu coração dispara no peito.

Ela se vira, mas vê apenas o céu chuvoso lá fora. Árvores umedecidas pela chuva, ondulando ao vento suave. Mais além, as cristas brancas das ondas no oceano.

Um pássaro.

Ela está sozinha.

Um pássaro bateu na janela.

Mesmo assim, ela se levanta, veste uma capa de chuva e confere o quintal. Como esperado, encontra o pássaro imóvel sobre um canteiro de flores arenoso logo abaixo das janelas de vidro do piso ao teto. Uma coisinha marrom avermelhada e frágil. De olhos fechados, como se estivesse dormindo.

Unindo as mãos em concha, Emma deixa o pássaro em uma cadeira de jardim sobre uma toalha de praia azul amarrotada. Ela sabe que, às vezes, eles revivem. Seus pequenos cérebros só precisam reiniciar.

Ela volta para dentro.

Em seu leitor digital, descobre que sua avaliação de *Montanha da Morte* já havia sido publicada. Seu indicador deve ter tremido com o susto. Aí está. Suas palavras. Uma estrela. Tarde demais agora.

Em seguida, deleta o livro e tenta esquecer as duas universitárias fictícias e seus assassinatos adoravelmente detalhados. Ela tem inúmeros outros *e-books* para ler. A internet é um vasto oceano de histórias, e, para o seu desgosto, tem notado que a qualidade do livro sequer importa. Excelente, medíocre — tanto faz. Só precisa ser um mundo diferente o bastante do de Emma, aqui nesse litoral arenoso e cinzento.

Ela analisa suas próprias palavras um pouco mais. Será que foi dura demais com esse estranho? Até onde sabe, o autor pode ter doze anos. Na verdade, isso explicaria muita coisa.

Quem se importa?

Pare de olhar isso.

Decide sair para passear na praia com sua golden retriever, Laika, antes que o vento traga a próxima tempestade. Ao sair, passa pelo pássaro na cadeira de jardim, ainda imóvel, e espera encontrar a toalha vazia quando voltar; que o animal inconsciente esteja vivo e livre.

Nunca mais pensará em *Montanha da Morte*.

ATÉ DUAS HORAS MAIS TARDE, QUANDO VOLTA PARA DENTRO COM SAL NO cabelo e areia nos tênis, e um ícone vermelho no canto de seu navegador a informa que sua avaliação de usuário havia recebido um comentário.

Sente um leve aperto no estômago. Opinião é como cu, diz o ditado, e a internet tem milhões. Mas, de alguma forma, ela já sabe exatamente quem comentou.

Ela clica.

O wi-fi via satélite se arrasta brevemente antes de mostrar:

Olá, Emma86,

Prazer em conhecê-la! Sou o autor do aclamado *thriller* MONTANHA DA MORTE. Muito obrigado por ler o meu romance. São leitores como você que tornam tudo possível! Porém, vejo que não gostou do livro. E tudo bem! Mas deixe-me perguntar: por que avaliá-lo, então? Leitores deveriam publicar apenas suas avaliações positivas. E talvez você não tenha nada a perder aqui — mas eu tenho. Outros leitores potenciais verão sua avaliação de uma estrela, e isso pode dissuadi-los de comprarem meus livros, o que me prejudica financeiramente! Eu trabalho duro para um dia poder largar meu emprego e escrever em tempo integral. Esse tem sido o sonho da minha vida desde que eu era criança. Estou certo de que você é uma pessoa maravilhosa na vida real, e que não gostaria de atacar minha segurança financeira, então, gostaria de pedir encarecidamente: pode remover sua avaliação? Atenciosamente,

H. G. Kane

Ela lê duas vezes.

Nunca havia visto um autor comentar em uma avaliação *on-line* de seu próprio livro, muito menos pedir a sua remoção. Isso quebra alguma regra tácita, não? Ela está prestes a fechar o notebook, puxando a tela para baixo até a metade, mas algo aqui precisa de uma resposta.

Não faça isso.

Talvez seja o bom-humor forçado, vindo de um autor que descreveu os tendões no pescoço de uma mulher “arrebentando como pálidos fios de espaguete”. Ou talvez seja o excesso de pontos de exclamação, como se falasse com um bebê.

Não responda.

Ou talvez seja a vitimização, a vergonhosa insinuação de que este “autor” tenha o direito de ganhar a vida com um trabalho sem ser de fato competente nele.

Não-não-não.

Ela abre o notebook de novo. Digita rapidamente:

Oi. Obrigada por tomar um tempo para comentar na minha avaliação. Sinto muito que o seu livro não era para mim. Mas, com todo o respeito, vou optar por manter a minha avaliação, pois este é um fórum para leitores compartilharem suas opiniões honestas, tanto positivas quanto negativas.

Quase adiciona suas iniciais, mas não o faz. Clica em enviar, desta vez sem hesitar. Seu comentário pisca e aparece abaixo do dele.

Feito.

O nome do autor se enrosca em sua mente. *H. G. Kane.*

Soa vagamente familiar, de fato. Talvez esta pessoa tenha fabricado seu pseudônimo para soar assim, como uma transmutação sexy de H. G. Wells e Stephen King? Ele ou ela não deve ser famoso de verdade, se Emma acabou de publicar a primeira e única avaliação...

Ela recebeu outro comentário. Já.

Sério?

Um calafrio percorre sua espinha, conforme lê:

Emma86, com todo o respeito, passei seis meses escrevendo MONTANHA DA MORTE. Você levou apenas alguns segundos para digitar aquela avaliação odiosa e manchar todo o meu trabalho árduo. Pica-paus covardes como você não entendem o que está em jogo para mim.

Eu imploro, por favor, que remova a sua avaliação.

At.te.,

HGK

Esse, ela pode ler apenas uma vez.

Eu imploro. Alguém desse século ainda fala assim? E *pica-paus covardes como você* — isso é um insulto? Isso tudo é tão absurdamente estranho.

As teclas estalam sob seus dedos.

Desculpe, mas a minha resposta ainda é não. Boa sorte com suas futuras obras.

Ela considera, antes de adicionar:

Aliás, fica a dica para as suas futuras obras: mulher nenhuma JAMAIS faria uma caminhada nas montanhas de salto alto.

Isso está ficando exaustivo. Ela se pergunta se outros usuários lerão essa conversa e se envolverão na discussão. O que vão pensar? Qual lado vão escolher?

Não há lados, lembra a si mesma. Os leitores devem ter opiniões. Os autores não deveriam comentá-las. E quanto mais ela relê as palavras desse estranho, mais sua pulsação palpita em seu pescoço. Por que deveria se importar se esse autopromovido “escritor” gastou seis meses de sua vida produzindo aquele excremento literário? Ela gastou quatro horas de sua vida lendo-o. Ambos saíram perdendo.

Precisa de ar. De novo.

Percebeu que havia se esquecido do pássaro inconsciente lá fora.

As primeiras gotas de chuva caem quando ela retorna para checar a cadeira no jardim. Para sua decepção, o corpo empenado ainda estava imóvel na toalha. Exatamente como o deixara. Pernas finas enrijecendo. Olhos fechados. E agora, sob o crepitar de um trovão que se aproxima, Emma percebe algo que não havia notado antes.

Uma gota de sangue seco entre os olhos semicerrados da ave, como uma minúscula lágrima vermelha.

Ela volta para dentro.

Em sua tela, outra mensagem do autor — agora tingida com uma ameaça.

Eu não vou pedir de novo.

Sem se sentar, ela responde.

Ótimo.

Em seguida, fecha seu notebook.

PARTE UM

Jamais reescreva.

— H.G. Kane, *Dicas de Escrita de um Autor Profissional*,
2015, hgkaneoficial.com

1

EM ALGUM MOMENTO APÓS AS TRÊS DA MANHÃ, EMMA ACORDA E VÊ UM homem parado de pé no canto escuro do quarto. Ele está coberto em grande parte pela sombra preta e angular da porta.

Ela pisca, esperando que a figura desapareça como um sonho que se esvai.

Ele ainda está lá.

Ela foca o olhar e o quarto fica mais nítido. Um raio de luar bate sobre um vinco no ombro do casaco da aparição. Uma dobra da pele de um pescoço atarracado. E a aba de um chapéu. Como o que um gângster usaria em um filme antigo.

Encarando-a.

Vendo-a dormir.

Ela não ousa se mover. Um dedo sequer. Se ele vir que está acordada, o momento frágil se partirá. Ele avançará sobre ela e cortará sua garganta ou arrancará seus olhos fora, ou pior. Ela pisca de novo, tentando enxergar mais detalhes na escuridão, tentando não abrir os olhos de forma muito perceptível.

A figura também não se move.

Percebe que está prendendo a respiração. Seus pulmões ardem. Aspira um bocado de ar de forma tão silenciosa quanto possível, um leve sibilar entre os dentes. Ela se pergunta se ele consegue escutar.

Há quanto tempo ele está aí, me olhando?

O quarto se equilibra em um estado de tensão.

Emma mora sozinha. Seu quarto é no primeiro andar. Seu celular está carregando lá embaixo. Não há armas na casa e nenhum vizinho mora perto o suficiente para ouvi-la gritar. Ela cogita jogar as cobertas, saltar para fora da cama, passar pelo estranho em disparada e descer as escadas. Mas ainda está escuro demais

para ser garantido. Ele ainda pode ser apenas um casaco pendurado, diz a si mesma. Uma ilusão.

À sua esquerda, há um abajur com uma corrente liga-desliga. Ela desliza a mão naquela direção, perpassando seus dedos por baixo dos lençóis como uma serpente debaixo d'água.

Silêncio.

A figura não se moveu. E ele não viu sua mão se movendo — ainda não, pelo menos. Emma fecha os olhos e se concentra nos sons ambientes. O rugido baixo das ondas. O tamborilar da chuva no telhado. Tenta localizar a respiração do estranho ou a dobra de seu casaco, mas ele está estranhamente quieto. Ela se prepara para o ranger de uma tábua do piso, anunciando o primeiro passo em direção à sua cama. Mas ele não vem.

Um, ela conta. Sua mão desliza para fora do cobertor agora, seus dedos se movendo como uma aranha pela porcelana fria. Tateando em busca da corrente.

Dois.

Ela a encontra. Um tilintar seco entre seus dedos. Teria ele escutado? Se sim, ainda assim não atacou. Nenhum movimento.

Três?

Tem medo de quebrar a quietude. Mas ela engole o medo. Está completamente acordada agora, seus músculos tensos sob os lençóis, e deve se preparar. Sem desculpas.

Três.

Ela puxa a corrente. Um clarão nuclear. Estreita os olhos em uma explosão de luz e joga as cobertas para a esquerda enquanto levanta o corpo para a direita, pou-sando com força sobre os pés descalços. Gira — cotovelos altos em defesa — e dis-para rumo à porta do quarto. Ao correr, vislumbra o ponto onde o estranho de chapéu estava, agora uma parede vazia.

Ele desapareceu.

Ela está sozinha no quarto iluminado.

Será que ele estava mesmo ali?

EMMA TENTA DORMIR DE NOVO, MAS NÃO CONSEGUE.

Decide checar a casa, cômodo por cômodo.

Primeiro, o andar de cima: uma suíte, um banheiro com pia dupla e um armá-rio. Confere cada canto, cada sombra, cada fresta onde um intruso possa espreitar.

Andar de cima: tudo limpo.

Em seguida, o térreo. O andar principal é desafiador: um espaço familiar cavernoso com uma cozinha e sala de jantar em conceito aberto, expostas ao lado externo por três janelas de vidro do piso ao teto. Meio casa na praia, meio aquário. E mais dois quartos, um banheiro e uma lavanderia com um duto para roupa suja que sobe até o primeiro andar. Uma ampla visibilidade, mas repleta de esconderijos perigosos. Ela abre cada porta e vasculha cada centímetro quadrado. Acende as luzes metodicamente enquanto avança, criando uma crescente zona segura e iluminada. É satisfatório, como conquistar território.

Térreo: tudo limpo.

Falta um andar.

— Maldito porão.

Uma escada desce em um buraco de escuridão. Ela para no vão da porta, inspirando o odor cavernoso. Alguns degraus abaixo, a escada faz uma curva de noventa graus sob um cano de cobre visivelmente enferrujado. Mesmo medindo um metro e sessenta e um, Emma precisa se abaixar. Desceu mais dez degraus sentindo cheiro de mofo e fezes de rato, como se entrasse no estômago da casa. No final, seus pés descalços tocaram as fundações de cimento, lisas com a umidade.

É sempre úmido lá embaixo. Porões são raros perto de praias por esse exato motivo. Mesmo com uma bomba de depósito, como há nesta casa, é impossível manter um porão seco no litoral. A única luz lá embaixo é controlada por um interruptor de plástico na parede de concreto à sua esquerda: escuro demais para ver. Tateia em busca dele, com as pontas dos dedos esticadas, quando algo se move atrás dela. Uma corrente de ar toca a sua lombar exposta. Ela reconhece de imediato o calor. É uma respiração.

Recua, surpresa, e seu cotovelo bate em uma prateleira. Um objeto pesado cai no chão de cimento, fazendo um barulho tão ensurdecedor quanto um tiro.

Ela perdeu o interruptor. Escuridão total.

A próxima respiração está poucos centímetros atrás de si. É mais profunda, quase da mucosa. Um nariz frio e molhado é pressionado contra sua pele nua.

— Laika — sussurra Emma. — Você é o pior cão de guarda do mundo.

Ela encontra o interruptor. Faça-se a luz.

Laika é uma golden retriever, mas não é muito dourada. É da variante inglesa, de cor creme, com uma pelagem quase branca, razão pela qual as pessoas a confundem com um labrador branco ou um cão de montanha dos pireneus. Emma se agacha para acariciar os pelos sedosos sob as orelhas de Laika.

— Você latiria se alguém estivesse dentro de casa. Não é?

Olhos escuros lhe respondem. Inexpressivos, estúpidos e entusiasmados.

— Não é?

Nada.

— *Não é?*

Eis o vazio.

Talvez não um latido, decide Emma, mas Laika, amigável até dizer chega, seguiria o intruso até o andar de cima, roçando sua coxa com entusiasmo em busca de atenção. Sente-se melhor agora. A figura no quarto era apenas um fragmento remanescente de um pesadelo.

Porão: tudo limpo.

Emma está perfeitamente só. Do jeito que ela gosta. Essa casa solitária — três metros acima do nível do mar, a cem metros da maré-cheia — é sua embarcação segura, um pontinho de luz, minúsculo como uma picada de agulha, em uma vasta orla. Às vezes, olha pelas janelas e imagina ser a última sobrevivente da Terra. Apenas o céu vazio, quilômetros de gramíneas nas dunas e o monótono ruído da arrebentação mais além.

No andar principal, ela verifica se a porta da frente e a dos fundos estão trancadas (estão) e se todas as janelas estão intactas (estão, impecáveis). Depois disso, o que se pode fazer? Um intruso não conseguiria escapar sem ativar a área das luzes com sensores de movimento lá fora. Ainda assim, deixa as luzes internas acesas enquanto o céu do Pacífico fica cinza com o amanhecer. Mesmo com todos os cômodos conferidos e os sentidos aguçados de sua golden retriever ao seu lado, ainda precisa lembrar a si mesma de que seria impossível que o estranho estivesse trancado *dentro* de casa com ela.

De volta ao andar de cima, esperava que o abajur do quarto revelasse suas próprias roupas penduradas de forma desleixada sobre uma cadeira onde a figura estava antes, ou uma capa de chuva pendurada feito um espantalho. Mas há apenas uma parede vazia. E ela tem *certeza* de que viu a aba de um chapéu.

Certo?

Ela faz um chá de gengibre e examina as janelas, tentando focar o olhar tanto na costa enevoadada quanto no reflexo do interior do quarto, em parte esperando notar a figura de pé atrás dela, em um movimento súbito de fazer pular do assento. Já viu esse filme antes.

Coloca comida na tigela para Laika. A golden fareja com indiferença.

— Eu sei — diz Emma. — Também não estou com fome.

À TARDE, JÁ HAVIA LIDO MAIS DOIS E-BOOKS DO COMEÇO AO FIM. UM DECENTE, o outro até que bom. São leituras rápidas, quatro horas cada, pequenos dioramas confortáveis com detetives falhos, suspeitos peculiares e assassinatos sem sangue.

Pistas falsas. Histórias de fundo trágicas. Ela já tinha outro livro baixado para ler à noite. É bom mergulhar no mundo de outra pessoa, deliciar-se com os detalhes feitos à mão e admirar os forros. Em épocas mais felizes, Emma gostava de ler Tolstói e Dostoiévski, e sabe que está se rebaixando nas promoções e ofertas gratuitas da Amazon. Não está lendo por prazer, exatamente, ou para ficar mais sábia — se bem que não há nada de errado em ler para escapar, não é mesmo?

No fim de cada livro, a Amazon pede que ela escreva uma avaliação.

Ela recusa.

Esqueceu o nome daquele autor esquisito, mas a experiência ainda a incomoda. Ela raramente conversa com estranhos, mesmo na internet. Desde que chegou nessa praia há três meses, tem se esforçado bastante para cortar todos os vínculos sociais e criar um casulo para si, longe do contato humano. Seus livros são teletransportados a partir do espaço cibernético. Suas compras são magicamente conjuradas à sua porta. Sempre que escuta uma van de entregas descendo a entrada para carros a quatrocentos metros, ela se esconde. O tempo desacelera até um estranho e maçante rastejo quando se é uma adulta feita escondendo-se embaixo de uma janela.

Emma perdeu quase seis quilos desde que chegou aqui. Não de propósito. Talvez haja algo errado com seu corpo, mas comer se tornou um processo tedioso e pouco recompensador, tão despido de alegria quanto se sentar na privada. Alguns dias, ela esquece completamente de comer. Outros, deseja apenas dormir, e precisa se arrastar pelos corredores como um zumbi. A casa parece ter quilômetros de área. Ferver um bule de chá de gengibre é um desafio insuperável. Nada vale o imenso trabalho que isso exigirá.

Não sabe ao certo quando foi a última vez que ouviu uma voz humana. Há quatro semanas?

Ou cinco?

Disseram-lhe que personalidades introvertidas recarregam suas energias com um tempo a sós, algo como administrar uma bateria social. E embora isso seja correto — pois a maioria das pessoas tende a exaurir pra caramba a amável Emma —, ela sempre se viu mais como argila, uma massa sem um formato definido que se transforma com relutância para se adequar às necessidades diárias de seu ambiente. Sorria para os filhos do vizinho. Pague o seguro do carro. Agende uma consulta no dentista. E aqui, nesta costa deserta, descobriu uma verdade muito pior: que sem emprego, afazeres, amigos ou família, Emma Carpenter se afasta com prazer. Cada molécula de seu ser toma o caminho de menor resistência. Às vezes, vislumbra sua imagem nos espelhos ou no reflexo dos vidros, um rosto que não reconhece, acinzentado e sem forma. Sem olhos, sem boca, com um nariz achatado em uma massaroca pegajosa. Seu próprio fantasma.

Tem medo de pouquíssimas coisas — o pior que pode acontecer a qualquer ser humano já aconteceu com ela há meses —, mas teme o que se torna quando está sozinha, até onde sua mente vai se a deixar correr solta.

Sua dieta contínua de *fast-food* digital — distrações de noventa e nove centavos boas, ruins e tudo o mais — é suficiente para mantê-la ocupada.

Por enquanto.

UMA TEMPESTADE SE APROXIMA.

Emma a avista pela primeira vez da lavanderia, quando sobe na secadora de roupas, abre uma janelinha, dobra as costas em um arco e fuma um cigarro. Ela liga um ventilador de plástico a cada tragada, garantindo que cada grão das cinzas voe para fora enquanto observa as nuvens escuras pairando sobre o oceano. Em seguida, amassa seu cigarro com as pontas dos dedos lambidas e o coloca dentro de um plástico, junto com os outros.

Dito e feito, gotas de chuva batem nas janelas quando ela começa a ler seu terceiro *e-book* no sofá. O vento ruga e ela se pergunta se está mesmo ouvindo a porta de um armário esquecido se abrindo na sala ao lado. Ou passos sorrateiros lá embaixo? Mãos enluvadas segurando um facão?

De tempos em tempos, ela para de ler e escuta.

Esta casa é cheia de sons. Mesmo tendo morado aqui por três meses, ainda descobre novas peculiaridades. As portas se recusam a fechar. As calhas gotejam uma pulsação constante. A privada do banheiro de hóspedes às vezes dá descarga sozinha. A primeira vez que ouviu isso acontecer, do outro lado da casa, gelou seus ossos, mas agora é uma particularidade charmosa, como um fantasma que passa para cagar de tempos em tempos. É a primeira vez que Emma cuida de uma casa, e parece muito mais invasivo do que alugar uma casa. Talvez a diferença esteja nos talheres na gaveta da cozinha, se são seus ou de outras pessoas, mas algumas noites ela se sente como uma invasora, perambulando pela sala de estar de um estranho, cheia de culpa.

O proprietário? Uma senhora gentil de Portland, chamada Jules Phelps.

Pelo menos Emma *acha* que é uma senhora.

Nunca se conheceram pessoalmente.

E parte do motivo pelo qual parece tão invasivo é o fato de que Emma não consegue deixar de tirar conclusões a respeito da vida privada de Jules. É inevitável. Não dá para *não* fazer. Há remédios para hipertensão e laxante emoliente no armário do banheiro: talvez Jules seja de meia-idade ou mais velha? Há uma câmera Polaroid antiga na estante: será que Jules brinca com fotografia? Um quarto foi limpo recentemente, mas um aroma adolescente pesado ainda está impregnado: talvez

Jules tenha criado um filho homem? Em um pôster nesse quarto, um guerreiro samurai estoico se ajoelha sob um bambuzal à luz da lua e afia sua espada. Talvez o garoto tenha ido para a universidade. Talvez tenha se mudado. Talvez Jules o tenha assassinado e seus membros esquartejados estejam apodrecendo dentro das paredes neste exato momento.

Talvez Emma estivesse apenas lendo romances policiais demais. Mas algo naquele quarto sempre a perturbou. Ela evita o quarto do adolescente e mantém a porta fechada, para que suas más energias não escapem em uma nuvem fedorenta de desodorante, refrigerante e meias. E algo mais... algo azedo. Velho. Fermentado.

Continue lendo.

Isso não lhe diz respeito. Emma está lá para ligar os aquecedores, cuidar para que não haja infiltrações no telhado e receber as correspondências de Jules. Todo o resto é como as ondas: ruído branco.

A ilha de Strand Beach, longa como uma corda de dezessete quilômetros (conhecida como *o Strand*, o cordão), une-se ao continente por uma passagem de pista simples. É uma superfície de terra plana e repleta de relva, pontilhada com casas remotas como esta, todas separadas por acres de espaços vazios e em grande parte supridas por uma única rua chamada Wave Drive. O sinal de celular é falho, a pressão da água é fraca, e quando o clima coopera, há banda de internet via satélite o suficiente para assistir à Netflix em 480p. Não é surpresa que 99% dessas casas fiquem vazias de outubro a abril — retiros de verão de urbanitas abastados como Jules, fechados e cheios de naftalina durante a temporada de chuva. Em precipitação anual, Strand Beach perde apenas para uma certa cidade em Washington, a uma curta viagem de carro ao norte, famosa por seus vampiros cintilantes.

Lá fora, Emma não tem vizinhos no plural — ela tem *um* vizinho. Esse confirmado humano solitário ocupa a próxima casa na Wave Drive, cerca de meio quilômetro ao norte. De seu cantinho de leitura no sofá, a estrutura distante se parece com uma lápide contra o céu úmido. Ela consegue ver um fraco brilho interno. E na janela da sala de estar, um quadro branco.

Com uma mensagem escrita à mão.

— Finalmente.

Pousa seu leitor digital. Passa por cima de Laika, que ronca sobre o tapete de pele de urso, e se aproxima do telescópio náutico perto da janela. Ela se inclina sobre a lente ocular, ajustando o foco até que a mensagem distante de seu vizinho fique clara e nítida.

É... um homem palito. Pendurado em uma forca desenhada à mão.

— Droga.

Outra derrota. Seu palpite — *oxigênio* — não chegou nem perto.

Ela não sabe o nome completo de seu vizinho idoso, apenas como ele se apresentou espontaneamente via quadro branco certa tarde (OLÁ. SOU DEEK). Durante a última ou as duas últimas semanas, seu quadro conteve um convite amigável (QUER JOGAR FORCA?), o que soa como algo mórbido para quem nunca ouviu falar do popular jogo da forca. Era o caso de Emma.

Resumindo: um jogador tenta adivinhar as letras de uma palavra misteriosa enquanto o outro desenha um homem palito com um nó corrediço, adicionando um membro para cada palpite incorreto. Um homem palito completo significa que o pobre sujeito foi enforcado. Acontece que Deek é uma fera absoluta em forca. Seus palpites são cirúrgicos, suas palavras são impenetráveis. Emma não ganhou nenhuma vez.

É impossível conhecer alguém pelo telescópio, mas assim como cuidar da casa de um estranho, você se vê registrando observações mesmo assim. Emma sabe que o velho vive sozinho em meio a pilhas de lixo — um andar inteiro do tamanho de um galpão cheio de móveis aglomerados, vultuosos arquivos, torres de livros empilhados e uma (supõe-se) privada não instalada na varanda dos fundos. Ela sabe que ele tem um revólver antigo enquadrado sobre a lareira. Sabe que ele só bebe café antes das três da tarde e só bebe uísque depois — e que, em suas noites de maior porre, ele às vezes solta fogos de artifício diretamente de sua varanda.

Emma geralmente deixa horas se passarem entre seus palpites no jogo da forca — o ritmo agradavelmente glacial da vida no Strand —, mas vislumbra movimentos. O velho ermitão está na cozinha. Então, destampa sua caneta, desenha uma forca em seu próprio quadro branco e escolhe uma palavra.

Ele adivinha em quatro rodadas, de primeira.

ZÉFIRO?

— Cretino.

Não sabe como ele consegue.

Às vezes, ela gosta de examinar as janelas molhadas do vizinho em busca de pistas e especular a respeito da exótica carreira passada de um homem que vive sozinho com uma arma de *cowboy* e cinco toneladas de tralha acumulada. Vem tentando decifrar há semanas. Vendedor de antiguidades? Arquivista? Estrela de cinema aposentada? Bem que ele se parece um pouco com o George Clooney, se colocasse *Michael Clayton* em um desidratador de alimentos. Seja qual for seu passado, o homem autodenominado Deek é um mistério fascinante.

Agora, o vizinho se levanta de seu telescópio, como se surpreendido por um barulho repentino. Ele pega sua caneta azul e escreve em seu quadro: QUEM ESTÁ AÍ?

Emma interrompe seu gole.

Pousa sua caneca de chá sobre a mesa — uma batida seca — e levanta as mãos, encolhendo os ombros de uma forma exagerada: *O quê?*

Ele escreve mais. Mas a tempestade se intensifica, golpeando as janelas e borrando suas palavras com as gotas que escorriam. Ela estreita os olhos no telescópio.

HOMEM NA SUA SALA
ATRÁS DE VOCÊ

Ela se afasta da lente. Sente um leve frio na sala atrás de si, como uma brisa de ar em movimento. Mas o ignora e pega sua caneta.

BOA TENTATIVA, escreve.

Ela sabe que ele está brincando. E não vai cair nessa.

A meio quilômetro de distância, o velho balança a cabeça. Ele acena atrás do vidro molhado. Em seguida, volta ao seu quadro branco.

ESTOU FALANDO SÉRIO, rabisca, QUEM ESTÁ AÍ?

Ele aponta para ela.

Não. *Atrás* dela. Na sala de estar adjacente. A três metros de distância.

Ela se recusa a olhar para trás.

— Nem pensar.

ELE ESTÁ BEM AÍ

Ela finge um bocejo.

TEM UMA FACA

— Uma faca? Seja mais criativo.

Ela sustenta um contato visual sólido feito pedra com seu vizinho através de janelas embaçadas com água da chuva, sustentando-o, até passar muito do ponto em que qualquer assassino em série digno teria agarrado seu couro cabeludo, puxado sua cabeça para trás e cortado sua garganta. Finalmente, o velho desistiu e deu de ombros. Derrota relutante.

Ganhei, ela pensa.

Deek é um pregador de peças incessante, e isso só aprofunda o mistério do velho. Talvez o tédio por aqui enlouqueça as pessoas de formas um pouco diferentes, mas esse é o terceiro assassino que persegue a casa de Emma. Ele também lhe disse que o imóvel é assombrado, que Jules costumava ter um show burlesco em exibição no porão, e que a caseira anterior era uma assassina em série. Há um número limitado de peças que se pode pregar a meio quilômetro de distância, então na semana passada (supostamente após observar que ela era

uma leitora), Deek recomendou o pior *e-book* que ela já leu na vida: *Montanha da Morte*, de H. G. Kane.

Por isso, ela escreve: VOCÊ ME DEVE 99 CENTAVOS
ESPERE. Deek pausa. VOCÊ COMPROU MESMO?
Ela confirma.

É SÉRIO?

Ela confirma mais uma vez.
NOSSA. DESCULPE. O velho faz uma pausa e balança a cabeça, genuinamente consternado. E VOCÊ LEU *INTEIRO*?

Ela sorri, culpada. Deek subestima imensamente o tempo que ela tem de sobra.
TUDO BEM, ele escreve. DEIXE-ME PERGUNTAR UMA COISA.
— Claro.

VOCÊ ABRE A GELADEIRA

Ela concorda.

VOCÊ TOMA UM GOLE DE LEITE

— Certo.

TEM GOSTO DE LEITE ESTRAGADO

Ela suspira.

— Sei onde isso vai dar.

VOCÊ:

A. JOGA O LEITE FORA?

B. BEBE A MALDITA CAIXA INTEIRA, PARA TER CERTEZA DE QUE ESTÁ
MESMO ESTRAGADO?

Ela finge uma risada para o telescópio de Deek, mas sem som, sem ar. Aprecia o senso de humor excêntrico do velho — pelo menos acha que aprecia, da mesma forma que tem quase certeza de que aprecia ostras pequenas e caras servidas cruas — mas Deek não conseguiria entender a sua situação. Ele ainda é apenas um espectador. Desde que chegou aqui, Emma baixa seus *e-books* a rodo,

acabando com as ofertas gratuitas e as promoções da Amazon toda semana. Não se trata da qualidade da história. O objetivo dela é se distrair, colocar sua mente para correr na esteira.

Qualquer coisa é melhor do que ficar sozinha com seus pensamentos.

Até Montanha da morte.

Ainda sorrindo, Deek escreve: JÁ OUVIU FALAR DO CLÁSSICO PLANO 9 DO ESPAÇO SIDERAL? ATÉ QUE É BEM-FEITO

Ela revira os olhos.

UM FILME INTELIGENTE E ASSUSTADOR

— Babaca.

O ASSASSINO AINDA ESTÁ ATRÁS DE VOCÊ, ALIÁS

— Talvez ele o mate em seguida.

CONSIGO LER SEUS LÁBIOS.

Ela tem quase certeza de que não consegue. É longe demais.

Entre as centenas de casas de veraneio vazias, é quase um milagre estatístico que as duas casas ocupadas fossem adjacentes assim. Emma imagina a si e a Deek como dois pilotos de duas espaçonaves em vetores distintos, passando brevemente pelo campo de visão um do outro. Capazes de transmitir e receber mensagens escritas enquanto a janela de contato durar.

Seu sorriso desaparece. Ele escreve: ESTÁ TUDO BEM?

Ela tenta não pensar demais na resposta. SIM

TEM CERTEZA?

Ah, pelo amor de Deus. Agora acontecem as paradas reais, as partes dos relacionamentos humanos com as quais Emma sempre teve dificuldade. De repente, até meio quilômetro de distância pareceu perto demais. Ela desenha outra força — mas ele ainda está escrevendo, inclinando-se de forma torta sobre seu quadro antes de se afastar e revelar: EU VI VOCÊ

Ela congela: *O quê?*

NA PRAIA

ONTEM

Um leve calafrio sobe por sua espinha quando Deek adiciona um ponto de interrogação com uma pergunta enfática: O QUE VOCÊ ESTAVA FAZENDO?

Ele então se afasta de volta ao telescópio.

Observando-a.

Esperando.

Emma brinca com sua caneta entre os dedos. Dá um sorriso ténue, cheio de culpa, se questionando se o velho realmente sabe ler lábios. Se sua lente de aumento é poderosa o suficiente para detectar uma mentira.

Diga algo, Emma.

Ele aguarda uma resposta.

Diga qualquer coisa.

Finalmente, ela responde.

SÓ CAMINHANDO. ESTOU BEM

Em seguida, tampa sua caneta e volta ao sofá. Dessa vez, quase tropeça em Laika, que acorda com um ronco surpreso. Odeia se sentir analisada sob a lente do seu vizinho. A espaçonave de Deek se aproximou da dela de forma espantosa. Ela pega seu leitor digital e finge ler seu *e-book* atual — um drama policial sobre um assassino em série que vai ao velório de suas vítimas — sabendo que o velho ainda a observava. Finge não o ver. Espera até ter certeza de que ele perdeu o interesse e foi fazer outra coisa.

Ela evita o telescópio durante o resto do dia — aproximar-se dele pode convidar outra conversa a distância —, mas estreita os olhos e ainda consegue ler a mensagem de Deek.

EMMA — SE PRECISAR CONVERSAR, ESTOU AQUI

Lembra a si mesma que esses telescópios são uma via de mão dupla. Ela também está sendo observada. E, estranhamente, durante vários meses, mesmo entre dezenas de homens palito enforcados e incontáveis conversas via quadro branco, não se recorda de ter lhe contado seu nome.

Deek sempre teve uma habilidade sobre-humana para adivinhação, não é?

QUANDO EMMA CAMINHA NA PRAIA, GOSTA DE FECHAR OS OLHOS E DEIXAR A mente ficar em branco, da forma mais perfeita e indolor.

Se pudesse ter um superpoder, qual seria?

Em uma vida passada, tinha vinte e dois anos e compartilhava uma garrafa de vinho de sete dólares com seu namorado diante de um tabuleiro de xadrez em sua quitinete, tentando se concentrar em peças nebulosas. Laika era filhote naquela época, uma coisinha roliça e branca arranhando seus tornozelos.

Um superpoder, Em. Vai.

Ela não sabia.

Voar? Telepatia? Reflexos sobrenaturais?

Deu de ombros.

Por que falar sem parar é tão fácil para algumas pessoas? Ela se sente defeituosa às vezes. Tenta se autocorrigir em sua cabeça, e quando chega a algo que quer dizer, já é tarde demais para dizê-lo. Já frustrou primeiros encontros somente com sua incapacidade de manter uma conversa. Mas Shawn era diferente, e de alguma forma, já naquela época, ela sabia que o amava. Ele falava o suficiente pelos dois (o que aliviava um pouco a pressão sobre Emma), mas, para estimulá-la de leve, também gostava de lançar perguntas absurdamente aleatórias. Qual é o seu musical favorito? Sua viagem favorita? Aparentemente, pensava em super-heróis naquela noite, quando Shawn explicou seu próprio superpoder ideal: viver para sempre. Imortalidade.

— É um superpoder terrível pra caramba — disse Emma, bebericando direto da garrafa.

Ele riu. Uma das primeiras vezes em que ela ouviu o que chamaria de uma risada-Shawn: um abrupto e genuíno latido de surpresa.

— Está bem — disse ele. — Explique, por favor.

Ela respirou fundo. Sem autocorreção.

Um.

Dois.

Três.

— Tudo bem — disse ela. — Primeiro, se você é imortal, não vai envelhecer, certo? Mas todos ao seu redor vão. Seus amigos, sua família — bateu no próprio peito —, eu, se Deus quiser. Você verá todas as pessoas queridas envelhecerem, adoecerem e morrerem, e, no começo, você viverá seu luto e seguirá em frente e formará novas conexões com novas pessoas. Mas elas sempre se esgotarão. Você as verá murchar feito espinafre.

Ele concorda com a cabeça. Ainda escutando.

— E se for imortal, sua percepção do tempo mudará também. Já percebeu que, conforme envelhecemos, o tempo parece acelerar? Imagine isso em uma velocidade

absurda. Você estará na sua octogésima-sexta esposa e filhos, com mais descendentes do que pode possivelmente amar, e todo aniversário e formatura passará em um piscar de olhos. Você começará a se perguntar: qual é o sentido, se eles continuam virando pó, de qualquer jeito? E essa não é nem a pior parte... — Mais ou menos nesse ponto, ela se lembrou de respirar.

— Eventualmente, a humanidade vai acabar. — Ergueu a garrafa e deu uma tacada ampla no ar. — Você sabe disso. Eu sei disso. Pode ser um asteroide. Guerra nuclear. Supernova. Ou, em alguns bilhões de anos, o Sol apenas inchará até se transformar em um gigante vermelho e incinerará a Terra, afinal. Certo? Vai acontecer. E onde fica o Shawn imortal? Você não pode se queimar ou morrer. Mas a Terra terá desaparecido. Sem pessoas, sem cidades, sem chão onde pisar. Você vai vagar impotente no vazio sem fricção do espaço pela eternidade. Incapaz de se mover e incapaz de morrer, não importa o quão desesperadamente deseje morrer. E você vai desejar, eu prometo.

Sua voz se rebaixou a um sussurro.

— Flutuando. Sozinho para sempre. Desejando ter escolhido outro superpoder.

Colocou a garrafa de volta entre eles como quem larga um microfone. Silêncio de novo. Shawn apenas a encarava do outro lado do tabuleiro esquecido, encarando, encarando, até ela ter certeza de que o havia perdido, ou pior, assustado, de forma que o resto da noite correria bem, mas ele terminaria com ela educadamente em algum momento da semana que vem, em busca de um modelo menos complicado.

Em vez disso, seu futuro marido sorriu.

— Você deveria falar mais — disse ele.

Algo nisso tudo fez Emma se arrepiar.

Ainda faz, seis anos depois e três estados a oeste, à beira do oceano que rugia. A água do mar fria lava seus tornozelos agora. Seus tênis estão encharcados.

Há uma certa violência nas ondas de tempestade de Strand Beach, o que fascina Emma. Não dá para conhecê-la na segurança da praia. É preciso estar lá, com a bruma salgada nos olhos ou, ainda melhor, *dentro* dela, enquanto as ondas de três metros se quebram aos seus pés, empurrando e puxando com milhões de ondulações. É como ficar na beira de um moedor de carne — alguns passos adiante e ele o sugará. Até o som é profundo o suficiente para se perder lá dentro.

— Eu sinto a sua falta, Shawn — sussurra ela.

Escuta o rugido por mais um momento.

E mais um.

E ainda outro.

Até que os cabelos de sua nuca se arrepiam e ela imagina um olho observador e coberto de veias subindo por suas costas. Todas essas semanas e isso nunca havia lhe ocorrido — apesar de o velho ter um maldito telescópio —, que Deek pudesse observá-la na praia. Ele obviamente estava observando-a ontem. Agora se preocupa com ela, pobre homem decente.

Ela viraria e acenaria alegremente em direção à casa dele, se pudesse. Nada para ver aqui.

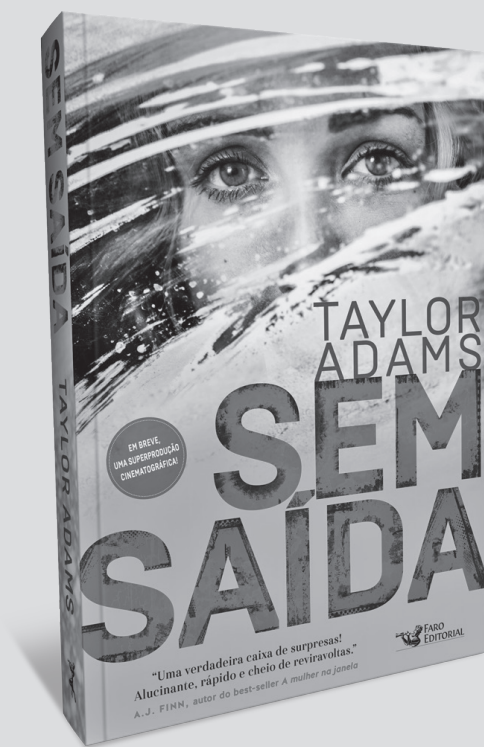
Está tudo bem.

Então, dá as costas ao mar, como se fosse tudo uma simples caminhada da tarde, e volta para casa calçando tênis ensopados que fazem um som aguado a cada passo.

Está tudo bem.

No caminho, percebe um segundo rastro de pegadas na areia escura ao lado das suas. Corredores às vezes passam por aqui, embora não se lembre de ter visto uma alma viva no Strand hoje. Olha para trás, assegurando-se de que a praia ainda está vazia, e então caminha um pouco mais depressa.

Está tudo perfeitamente bem.



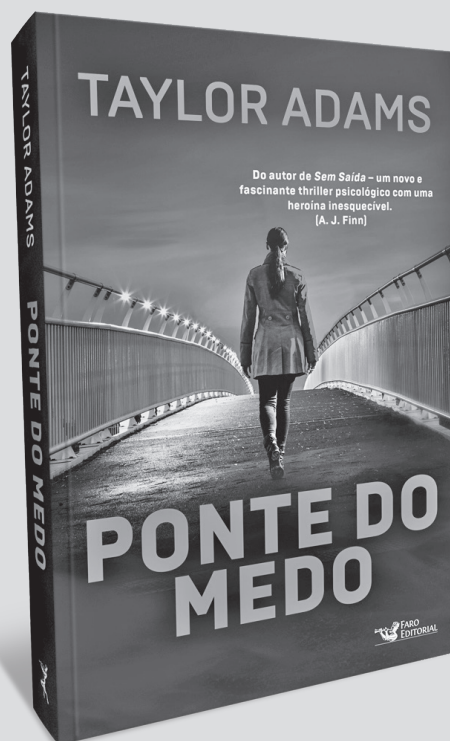
CINCO ESTRANHOS ISOLADOS NA NEVE. UM DELES É UM PSICOPATA...

A universitária Darby Thorne já tinha problemas demais. Sem sinal de celular e com pouca bateria, ela precisava dirigir em meio a uma nevasca para visitar sua mãe que fora internada às pressas e poderia morrer, mas o mau tempo a obriga a fazer uma parada.

Num estacionamento no meio do nada, Derby se depara com uma criança presa e amordaçada dentro de uma van. Aterrorizada, ela precisa manter a calma. Mais que descobrir quem é o proprietário do veículo, é fundamental escolher quem, dos quatro desconhecidos no local, pode ser um aliado para ajudar no resgate.

O desafio são as consequências: isolados pela neve, qualquer deslizamento pode ser fatal. É preciso resistir até o amanhecer, mas o perigo aumenta e cada minuto pode ser o último.

Filme já disponível no Star+!



Três meses atrás, Cambry, a irmã gêmea de Lena, dirigiu até uma ponte remota e saltou 60 metros para a morte. Pelo menos, essa é a versão oficial da polícia.

Então, Lena pega a estrada, dirigindo o carro da irmã, munida de um gravador, determinada a descobrir o que realmente aconteceu, para entrevistar o policial no local onde ele encontrou o corpo de Cambry.

O cabo Raymond aceita encontrar Lena. Ele é simpático, franco e profissional. Mas sua história não parece se encaixar. Registros de ligações da irmã para a polícia e mensagens cortadas com partes reveladoras desenham algo mais complexo.

Lena fará de tudo para revelar a verdade. Mas, conforme vai descobrindo mais detalhes, a busca se transforma em uma luta pela própria sobrevivência – pois colocará à prova tudo o que ela achava que sabia sobre a irmã e sobre si mesma.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA INFORMAÇÕES DE
TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



CAMPANHA



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM SETEMBRO DE 2023